

Frente A - Módulo 33

Exercícios de Fixação

- 01 c
- 02 b
- 03 d
- 04 b
- 05 c

Exercícios Complementares

- 01 08, 16
- 02 d
- 03 d
- 04 d
- 05 a

Frente A - Módulo 34

Exercícios de Fixação

- 01 Em sentido geral, trata-se de um método que procura compreender a gênese e o desenvolvimento das transformações sociais em recorrer a uma causa pretérita da metafísica/não natural. Nesse sentido, afirma-se que o início e o desenvolvimento de tudo o que existe depende da matéria e da natureza, em permanente movimento e transformação.
- 02 Materialismo corresponde à noção epistemológica que afirma que a sociedade existe somente a partir das relações materiais. Marx é materialista porque extrai das relações de trabalho a existência do social. Segundo ele, a sociedade só existe a partir das relações materiais de produção.
- 03 A realidade (que pode ser percebida e racionalizada) é determinada pelas ideias dos homens, que concebem novas ideias de como deve ser a vida social em função dos conflitos inerentes à condição de coerção e liberdade que os homens se impõem frente à sua condição natural.
- 04 Há duas críticas. A primeira é contra a religião, afirmando que esta consiste numa projeção dos desejos humanos e numa forma de alienação. A segunda é quanto à dialética hegeliana que, segundo Feurbach, estaria “invertida”, porque apresenta o homem como um atributo do pensamento, ao invés do pensamento como um atributo do homem.
- 05 Em Marx, a moral nada mais seria do que uma das expressões da consciência humana que, por sua vez, são reflexos das relações sociais estabelecidas no mundo do trabalho. Nesse caso, conforme variam os modos de produção, mudam não só as normas morais, mas também os valores políticos, estéticos etc.

Exercícios Complementares

- 01 a
- 02 a
- 03 d
- 04 d
- 05 c

Frente A - Módulo 35

Exercícios de Fixação

- 01 Seguindo o pensamento de Kant, para quem só podemos compreender de fato aquilo que se manifesta às nossas faculdades intelectual e sensitiva, ou seja, os fenômenos, Schopenhauer concluiu que o mundo não seria mais do que representações ou ideias, entendidas por ele,

num primeiro momento, como sínteses entre a realidade exterior e a consciência humana. Portanto, a consciência humana é o critério, a partir do qual compreendemos o mundo, bem como o princípio em torno do qual o mundo existe.

- 02 A vontade é o ímpeto cego que conduz, consciente ou inconscientemente, o ser humano. Analisando a conduta humana, Schopenhauer afirma que nós não queremos uma coisa porque encontramos motivos para ela; encontramos motivos para ela porque a queremos. Por isso, a vontade é, em última análise, o que guia o nosso querer e a nossa própria razão.
- 03 Todos os seres anseiam por preservar a vida, por isso buscam superar o limite da morte pela estratégia de reprodução. A reprodução é o propósito máximo de todo organismo, e o seu mais forte instinto, porque só por meio dele pode vencer a morte.
- 04 Porque a vontade indica necessidade, e o que ela pretende atingir é sempre maior do que a sua capacidade. Para cada desejo que nós conseguimos realizar, dez ou mais nos são negados. Ou seja, nossos desejos são infinitos, mas a sua realização é limitada.
- 05 A renúncia radical ao mundo e a todas as suas solicitações, mortificando os instintos e anulando as vontades, contentando-se apenas com o conhecimento.

Exercícios Complementares

- 01 c
- 02 d
- 03 b
- 04 01, 02, 04, 08
- 05 b
- 06 c

Frente A - Módulo 36

Exercícios de Fixação

- 01 O aphorismus (ἀφορίζεω) significa “definição breve”, “sentença”; trata-se de um texto breve que enuncia uma regra de um princípio ou expressa um pensamento moral. Sendo realçada pela natureza de uma mensagem verdadeira e concisa, é uma sentença estilística que articula a literatura e a filosofia, nas quais a percepção sobre a vida, a realidade e a sociedade se expressam.
- 02 O filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) ofertou a Nietzsche a inspiração para uma de suas perspectivas centrais presentes ao longo de suas obras: a crítica radical ao valor e objetividade da verdade.
- 03 Niilismo é uma palavra proveniente do latim Nihil, que significa ausência de sentido. É o nome dado às formas ilusórias criadas pelos homens para justificarem suas cadeias de crenças antinaturais, tal como a religião e o cientificismo. As quatro formas classificadas por Gilles Deleuze, a partir de sua leitura da filosofia de Nietzsche, são: 1) Nihilismo Negativo; 2) Nihilismo Reativo; 3) Nihilismo Passivo; 4) Nihilismo Ativo.
- 04 Nietzsche chama de apolíneo o princípio que representa a razão como beleza harmoniosa, organizada, comedida. Por dionisíaco, entende-se a representação do caos, do impulsivo, da falta de medida, da paixão e gozo da vida.
- 05 O conceito de Vontade de Potência (Der Wille zur Macht) é um conceito central na filosofia de Nietzsche e central para o desenvolvimento de outras ideias; trata-se de uma proposição ontológica que sustenta toda sua teoria moral. Ela é descrita como a principal força motriz dos seres humanos, caracterizada pelo ímpeto de realização, ambição e esforço para alcançar a mais alta posição na vida. É um conceito em aberto, haja vista que Nietzsche não chegou a sistematizá-lo, deixando sua interpretação a se moldar.

Exercícios Complementares

- 01 d
02 e
03 e
04 b
05 c
06 b
07 d

Frente A

Exercícios de Aprofundamento

01 02, 08

02 02, 04, 08, 16

- 03 a) Hegel contrapõe ao conceito abstrato e subjetivo de liberdade, o conceito de liberdade concreta. De acordo com Hegel, a liberdade, em sua realidade concreta, significa mais do que a possibilidade de satisfazer os instintos, paixões e desejos. Por isso, a limitação dos instintos, tida como limitação da liberdade, só o é em certo sentido. Para Hegel, a astúcia da razão se vale dos instintos e desejos humanos para realizar fins universais. Hegel afirma inclusive que “sem paixão nada de grande foi realizado no mundo”. A razão faz com que os pequenos interesses, necessidades e paixões humanas, que surgem a cada passo no cenário da história, sirvam de instrumento à realização do interesse universal. Seus instrumentos são os grandes indivíduos históricos, os homens cujo fim individual inclui o fim universal da Ideia, do Espírito. Tais homens históricos não tinham consciência de que seus fins particulares eram só momentos do fim universal. O indivíduo perece, mas a ideia se salva. Desta forma, os impedimentos para a liberdade, enquanto tal, são de fato a ausência da organização do Estado e da Sociedade, que representam a manifestação do Espírito; e a ausência, nos sujeitos, de uma necessidade de se libertarem do determinismo natural que os leva a identificar a liberdade apenas com a satisfação plena dos instintos. Hegel, no entanto, não defende a eliminação dos instintos, mas a sua purificação pela reflexão.
- b) Para Hegel, a instituição que assegura a efetivação do fim a que se dirige a história é o Estado. O Estado é o material com o qual se constrói na história o fim último do Espírito/Ideia. O verdadeiro protagonista da história é o espírito e o fim que o move é a conquista da liberdade. A história é o processo de desenvolvimento da liberdade e o que está em jogo é o progresso do homem na consciência dessa liberdade. Segundo Hegel, a sucessão dos vários estágios percebidos na história da humanidade são necessários, racionais e progressivos; são momentos da ideia, em sua marcha para a liberdade. Assim, o Estado é a realização da liberdade, da união da vontade universal do Espírito e da vontade subjetiva, particular, dos indivíduos. Por isso os grandes personagens históricos, como Napoleão, César, também foram criadores de grandes Estados. A história universal se reconhece nos povos que formam um Estado. A realização da liberdade, por intermédio do Estado, também está presente na dialética hegeliana: Tese – a meta da história universal é o progresso na consciência da liberdade. Antítese – os meios para alcançar o seu fim são as paixões e o egoísmo dos indivíduos. Síntese – A união de ambos os momentos é a efetivação (realização) da liberdade no Estado.
- 04 Na teoria marxista, o materialismo histórico pretende a explicação da história das sociedades humanas, em todas as épocas, através dos fatos materiais, essencialmente econômicos e técnicos. A sociedade é comparada a um edifício no qual as fundações - a infraestrutura seriam representadas pelas forças econômicas, enquanto o edifício em si - a superestrutura, representaria as ideias, costumes, instituições (políticas, religiosas, jurídicas etc.). As relações sociais são inteiramente interligadas às forças produtivas. Adquirindo novas forças produtivas, os homens modificam seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, modificando todas as relações sociais.
- 05 Segundo Ludwig Feuerbach, a concepção lógica da dialética hegeliana estaria “de cabeça para baixo”, uma vez que apresenta o homem como

um atributo do pensamento, ao invés do pensamento como um atributo do homem. Feuerbach sustentava o entendimento hegeliano da história enquanto progressão dialética, porém desconsiderando a dimensão “espiritual” da filosofia idealista. O “Espírito do Mundo” não é um sujeito ou essência, antes uma mera abstração do idealismo. a origem da realidade social não reside nas ideias, na consciência que os homens têm dela, mas sim na ação concreta (material) dos homens, portanto, no trabalho humano. A existência material precede qualquer pensamento; inexistente possibilidade de pensamento sem existência concreta. A partir dessa reorientação/crítica, Marx irá inverter em definitivo a dialética hegeliana, uma vez que - inspirado em Feuerbach - coloca a materialidade (e não as ideias) na gênese do movimento histórico que constitui o mundo.

06 b

07 d

08 b

- 09 a) Para Nietzsche, a cultura helênica foi marcada pelo equilíbrio entre o dionisíaco (força vital e do instinto) e o apolíneo (racionalidade). O espírito dionisíaco se traduz na imagem da força instintiva e da saúde. Está na embriaguez criativa e na paixão sensual, símbolo de uma humanidade em harmonia com a natureza.
- b) A moral do senhor é definida como aquela que é afirmação da potência, que impulsiona para a vida, a criatividade que leva à superação do próprio homem. Nessa moral, os mais fortes devem dominar os mais fracos e isso não é visto como algo imoral. São exemplos desse tipo de moral a Grécia no período homérico e os povos nórdicos, antes da dominação cristã. O trecho que define essa moral é: “a força vital manifesta-se como saúde do corpo e da alma, como força da imaginação criadora. Por isso, os fortes desconhecem a angústia, o medo, o remorso, a humildade, a inveja”.
- c) A moral do escravo é definida como a moral dos ressentidos que, fingindo um desprendimento ascético de todas as coisas do mundo, tratam de enfraquecer a potência. Para a moral do escravo, o mais forte vai sendo enfraquecido, pois os instintos vitais (saúde, criatividade, força) são dominados e submetidos pelos valores da moral cristã e da razão. A filosofia socrático-platônica e o cristianismo são os principais propagadores dessa moral. O trecho que a exemplifica é: “A moral dos fracos, porém, é atitude preconceituosa e covarde dos que temem a saúde e a vida, invejam os fortes e procuram, pela mortificação do corpo e pelo sacrifício do espírito, vingar-se da força vital”.
- 10 a) Sim. A “moral do escravo” é um dos conceitos-chave do pensamento nietzschiano. É caracterizada pelo “ódio dos impotentes”.
- b) “O cristianismo, por sua vez, esmagou e alquebrou completamente o homem e o mergulhou como que em um profundo lamaçal”.
- c) O cristianismo, para Nietzsche, nega o valor vida. Nesse sentido, nega igualmente tudo o que a ela se relaciona (saúde, criatividade, força). O objetivo de Nietzsche é revalorizar o equilíbrio entre as forças instintivas e vitais do homem que foram subjugadas pela filosofia socrático-platônica e pelas religiões.